



Arqueologia e Antigo Testamento

CURRID, J. D. **Against the Gods**: the polemical theology of the Old Testament. Wheaton: Crossway, 2013.

Gustavo Assis¹

As últimas décadas testemunharam um grande avanço envolvendo o estudo arqueológico do Antigo Testamento (AT) e do Antigo Oriente Médio (AOM). A título de ilustração, a obra do arqueólogo William G. Dever (2008), *Did God have a wife? Archaeology and folk religion in ancient Israel* [Deus teve uma esposa? Arqueologia e a religião popular no antigo Israel], e outra do teólogo Richard Hess (2007), *Israelite religions: an archaeological and biblical survey* [Religiões israelitas: uma pesquisa bíblica e arqueológica], abriram um amplo horizonte para a pesquisa da religião popular do antigo Israel durante o período bíblico. O mesmo pode ser dito da obra do teólogo católico Othmar Keel (1978), *The symbolism of the biblical world: Ancient Near Eastern iconography and the book of Psalms* [O simbolismo do mundo bíblico: iconografia do Antigo Oriente Médio e o livro dos Salmos]. Nela, o autor combina texto e artefato, demonstrando como a iconografia é um importante aliado na compreensão e na interpretação do relato bíblico.

Neste amplo horizonte da pesquisa envolvendo o AT, surge a obra de John D. Currid, Ph.D. Universidade de Chicago e professor de AT no *Reformed Theological Seminary*, em Charlotte, Carolina do Norte (EUA). Sua obra tem como objetivo responder as inúmeras semelhanças entre diversas passagens da Bíblia Hebraica e os documentos do AOM. *Against the Gods* [Contra os deuses], segundo ele, é uma introdução à chamada “teologia polêmica” (CURRID, 2013, p. 9). Currid foi cuidadoso em direcionar o leitor às obras mais recentes e de maior impacto relacionadas ao tema. Por este motivo e outros, seu trabalho foi recomendado por importantes especialistas do AT, como

¹ Mestrando em Arqueologia do Oriente Médio pela Trinity International University, Deerfield, US. E-mail: lzgstv.assis@gmail.com

Gordon Wenham (*Trinity College*, Inglaterra), que qualificou sua obra como “uma esplêndida introdução”.

A obra está dividida em 11 capítulos, sendo que o primeiro, “A Brief History of the Ancient Near Eastern Studies” [Uma breve história dos estudos no Antigo Oriente Médio], o autor traça um panorama do estudo envolvendo textos babilônicos, egípcios, assírios, hititas, eblaitas,ugaríticos e sumérios e a relação deles com a interpretação do AT (CURRID, 2013, p. 11-23). No capítulo 2, o autor dá sua definição de teologia polêmica: é o escritor bíblico fazendo uso da forma de pensamento e histórias que eram comuns na cultura do AOM, mas inserindo significados totalmente diferentes (CURRID, 2013, p. 25). Vários exemplos são apresentados para suportar sua definição. Um deles envolve a expressão “mão poderosa” (ver Êx. 3:19-20; 6:1; 7:4; 15:6 etc.), que tem sua origem em documentos egípcios, sempre se referindo ao poder do Faraó, mas que foi usada pelo escritor bíblico para demonstrar que a mão de YHWH, e não a de Faraó, é poderosa.

O terceiro e o quarto capítulo tratam dos relatos do AOM relacionados à criação e ao dilúvio. Muito já foi escrito sobre o assunto por outros autores, contudo, a obra de Currid ganha importância. Em vez de simplesmente analisar textos mesopotâmicos como o *Enuma Elish* e os Épicos de *Atrahasis* e *Gilgamesh*, o autor apresenta paralelos egípcios dessas narrativas bíblicas, sempre apresentando semelhanças, mas igualmente enfatizando suas diferenças com os relatos de Gênesis. Se suas conclusões estiverem certas, os relatos de Gênesis (criação e dilúvio) foram escritos como uma reação aos relatos egípcios.

A partir do quinto capítulo até o décimo, Currid (2013, p. 65-121) proporciona ao leitor uma interessante investigação do pano de fundo da mitologia egípcia nas histórias de José e a esposa do Potifar, do nascimento de Moisés, e da libertação dos israelitas da escravidão egípcia. Neste bloco de capítulos, especificamente, que o autor apresenta interessantes conexões com os relatos envolvendo o cajado de Moisés e o simbolismo por detrás desse objeto na cultura egípcia (CURRID, 2013, p. 111-119). Por fim, o autor conclui que a importância do cajado de Moisés na história do Êxodo não pode ser atribuída a um simples detalhe da narrativa. Trata-se de um claro exemplo da teologia polêmica: a atribuição de um novo significado para um símbolo já conhecido em determinada cultura. E a escolha de um cajado de pastor (egípcio *mdw*), em vez dos cetros usados por faraós (egípcio *hkat e nhhk*) torna a ironia da história mais interessante ainda quando lida dum pano de fundo egípcio.

Dignas de nota são as observações do autor quando compara o nascimento de Moisés com os relatos mais antigos do nascimento de Hórus,

não de Sargão, rei de Acade, como acadêmicos do passado costumavam alegar (CURRID, 2013, p. 79-83). Essa, contudo, não é uma abordagem nova, Gary Rendsburg (*Rutgers University*) já havia proposto isso em um artigo publicado em 2006 (RENDSBURG, 2006, p. 201-219), Currid não nega a realidade histórica de Moisés, mas afirma que a história do seu nascimento deve ter causado um grande impacto para os egípcios, já que Hórus desempenhava um papel fundamental na religião egípcia. Como Currid repetitivamente escreve: o que era mito no Egito se tornou história em Israel. Deus adaptou sua revelação de uma forma que pudesse fazer sentido para os expectadores israelitas e egípcios de tais eventos.

O último capítulo da obra aborda relatos cananitas e sua relação com o AT à luz dos inúmeros tabletes cuneiformes encontrados nas ruínas de *Ras Shamra*, antiga Ugarite, na Síria (CURRID, 2013, p. 131-141). Atenção especial é conferida ao Salmo 29, cuja semelhança com um dos hinos aos deuses do panteão cananita num dos tabletes é impossível de ser negada. O autor não concorda com a conclusão de alguns acadêmicos que afirmavam ser o Salmo 29 uma versão monoteísta de tal relato. Para Currid, toda a adoração é para YHWH (mencionado 18 vezes em 11 versos) e não para *Ba'al*. Como o autor escreve: “o salmista hebreu é um monoteísta zeloso e esse monoteísmo é exposto às custas do panteão cananita” (CURRID, 2013, p. 141). Não é “*Ba'al* que tropeja”, como diz o hino de Ugarite, mas “O Deus da glória tropeja” (SI 29:3).

John Currid contribuiu de forma excelente ao estudo do AT. Seu diferencial em relação aos inúmeros livros sobre a religião e história do AT é o constante uso de material egípcio, e não mesopotâmico. Muitos acadêmicos partem da pressuposição que os relatos de Gênesis e Êxodo foram compostos após o exílio de Babilônia, e por isso buscam apenas paralelos vindos da Mesopotâmia, ou na melhor das hipóteses, de Canaã, mas pouca atenção tem sido dada ao Egito. A abordagem de Currid faz parte de uma nova linha de estudos veterotestamentários, como pode ser visto na massiva obra em três volumes *The Context of Scriptures*, editada por William M. Hallo (*Yale*) e K. Lawson Younger (*Trinity International University*) (HALLO; YOUNGER, 2003).

Apesar de sua contribuição, *Against the Gods* não oferece uma metodologia que pudesse ajudar o leitor a reconhecer a chamada teologia polêmica do AT. Não somente isso, mas pouca atenção foi dada à literatura proveniente de Canaã. Uma vez que os israelitas oscilavam entre adoração a YHWH, a *Ba'al* e outras divindades cananitas, seria interessante abordar a religião de Canaã para lançar luz ao constante problema da idolatria em

Israel. Talvez uma atenção maior nestes dois aspectos teriam sido de grande relevância para os leitores da obra.

Como a abordagem de Currid afeta a compreensão acerca da revelação e da inspiração? Infelizmente o autor não lidou com esse questionamento. Uma resposta para essa pergunta foi sugerida pelo teólogo adventista Angel M. Rodriguez (2001, p. 43-64), em seu artigo intitulado *Ancient Near Eastern parallels to the Bible and the question of revelation and inspiration* [Paralelos do Antigo Oriente Médio com a Bíblia e a questão da revelação e inspiração]. Rodriguez apresenta os seguintes passos para um estudo cuidadoso de tais paralelos: 1) examinar as diferenças e, então, as semelhanças; 2) estudar os paralelos bíblicos com outras passagens que lidam com o mesmo assunto antes de comparar com literatura extrabíblica; 3) quando o tópico envolve um fenômeno social é necessário estudar a sua função em Israel antes de compará-lo com o mesmo fenômeno em outras culturas; 4) estudar um paralelo do AOM é uma tentativa de determinar qual era o significado de uma ideia, comportamento, ou instituição dentro do seu próprio ambiente; e 5) comparar com religiões que entraram em contato com Israel ou religiões que evidenciam uma mesma cultura e geografia.

168

O próprio Rodriguez admite que “Deus estava usando aquilo que era acessível ao profeta [escrito bíblico] dentro do seu próprio meio cultural para transmitir uma mensagem especial para o Seu povo [...] [Deus] não o removeu do seu contexto cultural” (RODRIGUEZ, 2001, p. 62). Para o teólogo adventista, a inspiração divina reagiu de diversas formas contra o paganismo das religiões ao redor de Israel: 1) rejeição e condenação de ideias pagãs; 2) polêmica contra ideias pagãs; 3) adaptação de práticas sociais; e 4) incorporação de diferentes materiais e técnicas literárias. Nesse caso, a obra de John Currid se concentrou na segunda: polêmica contra ideias pagãs.

Em suma, *Against the Gods* é uma excelente ferramenta para aqueles que querem conhecer mais do ambiente histórico e religioso predominante do período do AT. 

Referência

RODRIGUEZ, A. M. Ancient Near Eastern parallels to the Bible and the question of revelation and inspiration. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 12, n. 1, p. 43-64, 2001.

RENDSBURG, G. Moses as equal to Pharaoh. In: BECKMAN, G. M.; LEWIS, T. J. (Eds.). **Text, artifact and image: revealing ancient israelite religion**. Providence: Brown Judaic Studies, 2006.

HALLO, W.; YOUNGER, K. **The context of Scriptures: canonical composition from the biblical world**. Leiden: Brill, 2003.

DEVER, W. G. **Did God have a wife?** Archaeology and folk religion in ancient Israel. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 2008.

HESS, R. **Israelite religions: an archaeological and biblical survey**. Grand Rapids: Baker Publishing Groups, 2007.

KEEL, O. K. **The symbolism of the biblical world: Ancient Near Eastern iconography and the book of Psalms**. New York: Seabury Press, 1978.

Enviado dia 02/08/2013

Aceito dia 26/10/2013

